

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLI - 2002

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Catherine BALMELLE, Michèle BLANCHARD-LEMEE, Jean-Pierre DARMON, Suzanne GOZLAN, Marie-Pat RAYNAUD, *Le Décor Géométrique de la Mosaïque Romaine, II. Répertoire Graphique et Descriptif des Décors Centrés*, Editions A. e J. Picard, Paris, 2002. 271 p.

É com grande júbilo que apresentamos uma das obras mais aguardadas por todos aqueles que, sendo especialistas em mosaicos romanos ou arqueólogos, se vêem obrigados a descrever pavimentos musivos de forma clara e objectiva.

Decorreram já 17 anos desde a publicação do volume I, dedicado às composições lineares e de superfície, que se tornou uma obra emblemática pelo precioso “arsenal conceptual e linguístico” que ofereceu à comunidade científica. O seu sucesso deveu-se, além da inegável qualidade científica, à opção editorial por uma publicação em cinco línguas: francês, alemão, inglês, espanhol e italiano. Com novos tradutores e uma desenhadora – Marie-Pat Raynaud – que soube dar a melhor das continuidades ao fabuloso trabalho de R. Prudhomme, os autores (já sem A. M. Guimier-Sorbets, H. Lavagne e H. Stern) construíram uma obra onde procuraram manter toda a filosofia editorial e científica do referido volume I.

Nas páginas iniciais da obra, além da convencional introdução e do léxico que completa o do volume I, encontramos uma lista de 89 figuras geométricas simples, recorrentes em mosaicos, com as respectivas designações. Segue-se uma pequena, mas pertinente, selecção de algumas dessas figuras tratadas de forma complexa. Citamos, a título de exemplo, a cruz que pode ser obtida através da combinação de cinco quadrados, quatro triângulos, quatro losangos, quatro T, quatro peltas, dois S, dois fusos, quatro ogivas, etc... (p. 40).

Com início na estampa 255 (continuação do volume I) e *terminus* na 426, as composições foram divididas em três grupos:

- I – Composições centradas (estampa 255 até 402);
- II – Recortes centrados (estampa 403 até 418);
- III – Apresentações centradas (estampa 419 até 426).

O capítulo das composições centradas é o mais importante. Inicia-se com a classificação dos florões. Antes, porém, os autores expõem os seus elementos constituintes (tipos de volutas e caules, de pétalas e de folhas). Pelo facto de se tratar de uma lista de cariz lexical, não incluída na classificação tipológica das composições, parece-nos que poderia ter sido inserida antes da abertura do capítulo, imediatamente a seguir às figuras geométricas complexas. Não obstante, em seis páginas, de forma brilhante, os autores colocaram ao nosso dispor o vocabulário suficiente para a descrição de qualquer tipo de florão, acabando com o sofrimento de todos aqueles que encetam um trabalho desta natureza, em busca desesperante dos termos cientificamente mais adequados. Os florões foram, então, subdivididos em três grupos: *florões com uma corola – unos*; *florões com uma corola – compósitos* e *florões com mais de uma corola*.

Além dos florões, os autores registam sete tipos de composições centradas:

- *composições concêntricas* (composições centradas com dois ou mais motivos, com um centro comum);
- *composições em coroa* (linhas de motivos que se fecham sobre elas num círculo ou polígono de mais de quatro lados);
- *labirintos* (29 exemplos, classificados em função da forma, número de sectores, modo de tratamento, tipo de percurso, direcção do percurso e modo de progressão);
- *composições em broquel* (composições infinitamente repetidas de um mesmo motivo em mais de duas filas, segundo os raios);
- *composições radiantes* (recorte de uma superfície circular ou poligonal de mais de quatro lados através de um sistema de linhas direitas radiantes, a partir de um centro);
- *composições circuncêntricas* (diversos arranjos possíveis em redor de um motivo central, entre os quais encontramos as tradicionalmente chamadas “composições a compasso”); e
- *composições centradas mistas* (associação de motivos em composições anteriormente classificadas).

Segue-se o capítulo dos motivos a que os autores chamam “*découpages centrés*”, e que poderíamos eventualmente traduzir por *retalhos centrados*, arrumados em duas categorias: *de composições ortogonais* ou *em losango* e *de composições triaxiais*.

Finalmente, no terceiro capítulo, uma reduzida amostra a que chamaram, de forma muito vaga, *apresentações centradas*, também arrumadas em duas categorias: *com motivo axial interrompendo a trama* ou *com motivo central integrado na trama*.

A obra encerra-se com uma tábua das abreviaturas bibliográficas, um índice sumário em francês, seguido das respectivas equivalências nas restantes línguas.

Pela diversidade das categorias apresentadas e pelo vocabulário específico desta área científica, trata-se de um repertório de consulta difícil. Exige uma análise atenta de todas as estampas e algum domínio prévio da terminologia. A dificuldade redobra na ausência de uma versão em português. O pequeno dicionário

publicado, em 1993, por C. Viegas, F. Abraços e Marta Macedo é, hoje, manifestamente insuficiente para a investigação portuguesa neste domínio, que se tem intensificado sobremodo nos últimos dez anos, com a elaboração do *Corpus de Mosaicos Romanos de Portugal*, iniciado pelo Professor Bairrão Oleiro e prosseguido pela Missão Luso-Francesa *Mosaicos do Sul de Portugal*. Os projectos em curso no nosso país necessitam, urgentemente, deste tipo de instrumento científico, basilar no rigor descritivo de um inventário.

Não é tarefa fácil apontar insuficiências a esta obra, não só pelo reconhecimento do grande esforço necessário à sua consecução, como ainda pela falta de aplicação prática a casos concretos. À primeira vista, parece-nos que a subdivisão excessiva dos motivos cria dificuldades de identificação. Algumas das composições em coroa, as das estampas 315 b) e c) são, por exemplo, praticamente idênticas às composições circuncêntricas das estampas 373 a), b) d) e e). A mesma semelhança encontrámos entre a estampa 343 c) (pseudo-broquel com estrela de losango) e a 374 d) (composição central em estrela). A dúvida surgirá inevitavelmente. Por outro lado, pelo tipo de material seleccionado, pensamos que o capítulo das composições mistas devia ter sido incluído no das composições em coroa. Aliás, algumas das composições classificadas neste último tipo são mistas. É o caso das estampas 317 d) e 318 a) que em tudo se aproximam da 400 c).

O sub-capítulo dos retalhos de esquemas ortogonais não é pertinente, uma vez que foram já perfeitamente descritas no volume I as composições de superfície e, aqui, só vêm dificultar a consulta. A estampa que introduz este capítulo (403a) parece-nos desajustada e a classificar como uma composição circuncêntrica, uma vez que a sua estrutura é idêntica à estampa 356 c). Também o último capítulo não traz nada de novo. São composições de superfície já conhecidas, interrompidas por uma figura geométrica simples, integrada ou não.

Com uma encadernação sóbria mas elegante, estampas a preto e branco sobre um papel de grande qualidade, a obra merece, tal como a sua antecessora, os maiores aplausos da comunidade científica. Os apontamentos que deixamos não lhe retiram mérito, pois ela marca, sem dúvida, uma era carismática no estudo do mosaico e proporcionará novos caminhos de análise nesta matéria. Dispomos, a partir de agora, de um repertório fundamental de praticamente todos os motivos geométricos e vegetalistas presentes em pavimentos, do Oriente ao Ocidente romano.

CRISTINA DE OLIVEIRA